

## **RESUMO DE “O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS”**

José Saramago

Este é um romance fascinante, denso, com incursões inesperadas a propósito de tudo e de nada, desde expressões da nossa linguagem do dia-a-dia, até às deambulações sobre a vida, a morte, o ser, o existir, o sonho... sobretudo nos encontros de Ricardo Reis com Fernando Pessoa. É um livro surpreendente, para ser lido com calma, saboreando os caminhos que Saramago nos convida a seguir, ao longo das páginas deste romance.

Em finais de dezembro de 1935, Ricardo Reis chega de barco a Lisboa, vindo do Brasil onde esteve dezasseis anos a viver. É o reencontro com a sua cidade, ficando alojado no Hotel Bragança na Rua do Alecrim, não sabendo ainda por quanto tempo lá vai ficar. Sem planos definidos, Ricardo Reis é uma personagem solitária que vai observando e apreendendo a realidade da cidade, do país e do mundo, sem se envolver diretamente, antes colocando-se de fora.

No entanto, o cemitério dos Prazeres onde está sepultado Fernando Pessoa falecido em 30 de Novembro de 1935, é o primeiro local que Ricardo Reis visita mal chega a Lisboa. No primeiro dia do ano de 1936, quando a euforia do novo ano é vivida lá fora e Ricardo Reis já se recolheu ao seu quarto no hotel Bragança, Fernando Pessoa (ou o seu fantasma) visita-o pela primeira vez e avisa-o de que só poderão ter mais oito meses para se encontrarem e explica que tal como quando estamos no ventre das nossas mães não somos ainda vistos, mas todos os dias elas pensam em nós, após a morte cada dia vamos sendo esquecidos um pouco “salvo casos excepcionais nove meses é quando basta para o total olvido”.

O “Senhor Doutor Reis” como é tratado pelos empregados e hóspedes do hotel é um homem solitário, embora goste de almoçar em pequenos restaurantes pedindo ao empregado que não levante o prato à sua frente e deixe cheios o seu copo e o do seu companheiro imaginário. Gosta de observar e imaginar

histórias sobre alguns hóspedes que jantam e frequentam o hotel e cria uma familiaridade por vezes forçada com o gerente – Salvador – com Pimenta que lhe carrega as malas e com Lídia a empregada que lhe limpa o quarto e lhe leva o pequeno almoço. Por outro lado, sendo alguém que se instala durante algum tempo no hotel sem ocupação nem ligações familiares ou sociais conhecidas, é observado não só pelo gerente e pelo empregado do hotel, mas também pela polícia política que quer saber as motivações daquele estranho doutor Ricardo Reis que regressou a Portugal vindo do Brasil. As notícias que lê todos os dias nos jornais para se pôr a par do que se passa no mundo e em Portugal pintam um retrato idílico de um país em que o salazarismo começa a fazer o seu caminho. O país da ideologia da família unida e feliz, em paz, em confronto com as convulsões que se vivem na vizinha Espanha e no Brasil. O país da sopa dos pobres e das obras de caridade em todas as paróquias e freguesias. O país onde se morre de doença e de falta de trabalho. O país dos milagres de Fátima e da devoção ao chefe, arregimentando os seus seguidores na Mocidade Portuguesa, na Legião e em outros instrumentos de propaganda como a Obra das Mães pela Educação Nacional. O país dos filhos de pais incógnitos. O país da discricionariedade e da devassa da vida privada, dos interrogatórios e da intimidação sem quaisquer motivos, o início da triste história da PVDE/PIDE. No fim do interrogatório à saída da António Maria Cardoso, Ricardo Reis sentiu um fedor a cebola que exalava Victor, o informador. Mas também noutros momentos esse fedor rondava por perto.

Lisboa, a cidade de Pessoa, a cidade onde Ricardo Reis veio para morrer, é uma cidade cinzenta e triste em que a chuva cai impiedosa. O Carnaval também é molhado e sem graça. No Verão, o calor é sufocante. A condizer com o ambiente de suspeição e desconfiança do Estado Novo, a cidade é mesquinha, coscuvilheira, intromete-se na vida dos outros. Seja primeiro no hotel Bragança, ou mais tarde quando Ricardo Reis aluga um andar na Rua de Santa Catarina, as vizinhas espreitam, conjecturam, mexericam, imiscuem-se. Até para os dois velhos que se sentam junto à estátua do Adamastor, aquele novo morador de Santa Catarina não deixa de ser um motivo de interesse para matar as horas de ócio e de conversa. Felizmente para Ricardo Reis, daquele segundo andar há uma vista deslumbrante para o Tejo.

Em Espanha, depois da vitória das esquerdas nas eleições é para Lisboa que fogem e se refugiam os detentores de riquezas, aguardando a reviravolta que não tardará com o golpe fascista liderado por Franco. Na Alemanha e na Itália, os ditadores lançam os seus instrumentos de propaganda e preparam os seus seguidores para um dos períodos mais negros da história da humanidade. No Brasil o comunista Luís Carlos Prestes é preso. As notícias dos jornais portugueses dão conta de que no estrangeiro Portugal é visto como o país que finalmente vive um período de paz e prosperidade.

E agora, as duas personagens femininas que se relacionam com Ricardo Reis. Lídia – a musa das Odes de Ricardo Reis – e Marcenda são duas personagens centrais nesta obra e neste período da vida de Ricardo Reis. Como é apanágio de Saramago, as suas heroínas são sempre mulheres fortes e decididas. Lídia, empregada no hotel onde Ricardo Reis vai viver os primeiros tempos após a sua chegada a Lisboa, é senhora de si, apaixona-se pelo doutor Ricardo Reis mesmo sabendo das diferenças sociais que a impedem de poder ter uma vida social sem ambiguidades com aquele com quem se relaciona sexualmente. Marcenda, a jovem hóspede do hotel que todos os meses vem com o pai para uma consulta médica, encontra em Ricardo Reis uma pessoa mais velha que a trata como uma adulta e não como uma criança a quem se escondem verdades dolorosas.

Muito mais haveria a dizer sobre este denso romance de José Saramago, repleto de referências poéticas a Camões, à “Mensagem” de Fernando Pessoa e aos seus muitos heterónimos, entre outros. Não sendo especialista na obra do poeta, limito-me aqui a fazer este breve apontamento sobre esta obra de Saramago que penso ser um manancial para os/as amantes da literatura e, sobretudo, para os/as estudiosos/as da poesia de Pessoa e dos seus diversos heterónimos.

## Síntese da unidade - O Ano da Morte de Ricardo Reis

O romance irá apresentar **o panorama político da maior parte dos principais países envolvidos nestas crises** – que culminarão com a eclosão da **Segunda Guerra Mundial** – em especial através das notícias dos jornais portugueses que serão lidas pelo protagonista, Ricardo Reis. 1936 (ano em que decorre a maior parte da ação).

Período conturbado, devido às crises de natureza política que ocorriam na Europa, em que oscilavam tendências democráticas e totalitárias, estas últimas de caráter fascista.

**Portugal** – Consolida-se o Estado Novo, conduzido por Salazar. É fundada a Mocidade Portuguesa. O campo de concentração do Tarrafal entra em funcionamento.

**Espanha** – Emergem os conflitos sociais, políticos e económicos que impulsionarão o povo espanhol para a Guerra Civil, sob o comando do General Franco.

**Itália** – Mussolini, líder fascista, ascende ao poder. Trava-se a guerra contra a Etiópia.

**Alemanha** – O poder de Hitler, que compartilha dos ideais totalitários dos nazis, é fortalecido. Intensificam-se os ataques aos judeus.

### **Estado Novo: regime ditatorial**

- Equilíbrio financeiro, conseguido com o aumento dos impostos e com a redução de gastos com a educação, saúde e salários dos funcionários públicos.
- Modernização do país, através da política de obras públicas.
- Estabilidade forçada com a criação de meios de controlo da sociedade: Censura Polícia política (PVDE, mais tarde PIDE) Mocidade Portuguesa, Propaganda Nacional

- Aliança com a Igreja (instrumento capaz de persuadir e manipular as populações), assente na visão de Salazar como o salvador da moralidade cristã e da pátria.

### **O espaço da cidade. Deambulação geográfica e viagem literária**

A cidade de Lisboa (palco da ação) É descrita como um labirinto, monótona, pobre, sombria, silenciosa, chuvosa, de águas turvas. Metáforas que remetem para as circunstâncias políticas e históricas vividas em Portugal, em 1936: estado de estagnação, miséria e conformismo em que o povo estava mergulhado, clima de ameaça e perseguição e restrição da liberdade de expressão exercidos pelo regime

No seu regresso à pátria, após dezasseis anos de exílio no Brasil, Ricardo Reis constata que pouco mudou em Portugal – sinal de **estagnação do país**. No entanto, o espaço exterior conduz a outro tipo de deambulações, estas de natureza literária, por parte de Ricardo Reis (e do próprio narrador). Assim, a cada passo da personagem pelas ruas de Lisboa, assistimos a referências a vários autores e textos da literatura portuguesa e mundial.

Assim, a cada passo da personagem pelas ruas de Lisboa, assistimos a referências a vários autores e textos da literatura portuguesa e mundial.

Os textos evocados, muitas vezes, não são fiéis ao original, surgindo sob a forma de alusões, paráfrases ou imitações criativas/paródias. Visita a locais como a rua do Comércio, o Terreiro do Paço, a rua do Crucifixo, o Chiado, a Praça da Figueira, a rua do Alecrim, ou o Bairro Alto. Evocação de textos, entre os quais a Bíblia, e de autores como Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Camões, Eça de Queirós, Cesário Verde, Almeida Garrett, Jorge Luís Borges, Dante, Cervantes ou Virgílio.

### **Paródia do verso de Os Lusíadas “Onde a terra se acaba e o mar começa” no início e no fecho da obra.**

Citação de versos de Os Lusíadas como “esta apagada e vil tristeza”, com vista a ridicularizar determinadas situações.

Presença constante da estátua de Camões e do Adamastor, como forma de destacar a produção camoniana como um marco de fundamental importância

na literatura portuguesa (“todos os caminhos portugueses vão dar a Camões”). Denúncia da subversão e do aproveitamento das palavras e da figura de Camões por parte do regime.

**Configuração do espaço da cidade de Lisboa** como uma realidade confinadora e destrutiva (“Ricardo Reis atravessou o Bairro Alto, descendo pela Rua do Norte chegou ao Camões, era como se estivesse dentro de um labirinto que o conduzisse sempre ao mesmo lugar”).

Comiseração e identificação do narrador com certas figuras do povo observadas. Remissão para a evocação de um passado glorioso contrastante com a estagnação de um presente moribundo.

Visualismo de pendor impressionista e convergência dos sentidos.

Construção da personagem Ricardo Reis à luz das características físicas, psicológicas e literárias fixadas pelo seu criador, patentes, por exemplo, nas conversas entre o heterônimo e o ortônimo.

### **A personagem principal: Ricardo Reis**

A imagem traçada por Saramago coincide com a projetada por Fernando Pessoa na criação deste heterônimo: “homem grisalho” (uma vez nascido em 1887, em 1936 teria 49 anos) “seco de carnes” (na carta a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa afirma que ele é um homem forte, mas seco) Esteve emigrado no Brasil (Saramago parte deste pressuposto e coloca Reis de regresso à pátria, ao fim de 16 anos).

É poeta e médico. Tem:

- dificuldade em tomar decisões ou avançar explicações, dado acreditar no peso do destino;
- enorme autodisciplina, evitando as paixões e a inquietude da alma;
- rigor, enquanto poeta, nas formas estróficas e métricas.

Permanecem também alguns traços da filosofia de vida e do credo poético do heterônimo.

## **Representações do amor Marcenda e Lídia**

### **Retrato físico | Retrato psicológico**

**Marcenda** - Jovem com cerca de 20 anos, delgada, de pescoço esguio, queixo fino e de contornos pouco definidos. Sofre de paralisia na mão esquerda, o que condiciona muito a sua postura. Mulher virgem e inexperiente, passiva, sem grandes convicções e sem vontade própria (está disposta a ir a Fátima simplesmente para agradar ao pai), que anula os projetos futuros (desiste de ser feliz, recusando o pedido de casamento de Ricardo Reis). Representa a inércia, a apatia, a desistência de Ricardo Reis. Representa a possibilidade de Ricardo Reis vingar sem o seu criador, transformando-se num agente ativo e não num mero espetador do mundo. Etimologicamente, o seu nome significa “aquela que murcha”, que não é eterna – contrasta com as musas das odes.

**Lídia** - Tem cerca de 30 anos, é bonita, morena, relativamente baixa e de formas bem feitas. Mulher emancipada, perspicaz e questionadora. Apesar de ser simples, humilde e pouco letrada, é uma pessoa informada e preocupada com o mundo que a rodeia, revelando ter espírito crítico. É ainda uma mulher ativa, trabalhadora e lutadora. Contrastava com a Lídia das odes, caracterizada pela serenidade, pureza, passividade e não envolvência em paixões ou problemas.

### **Estrutura da obra:**

**Externa** 19 capítulos

Estrutura circular:

uso paródico do verso de Camões “Onde a terra se acaba e o mar começa”; viagem de Reis para Lisboa e, depois, em direção ao cemitério dos Prazeres.

### **Linguagem e estilo**

Tom oralizante.

Marcas de coloquialidade. Diálogo entre o narrador e o narratário. Comentários do narrador. Estruturas morfossintáticas simples. Provérbios e expressões populares com ou sem variações. Mistura de vários modos de relato do discurso. Coexistência de segmentos narrativos e descritivos sem delimitação

clara. Ausência de pontuação convencional: uso exclusivo do ponto final e da vírgula, que funciona como o sinal de maior relevância, já que marca as intervenções das personagens, o ritmo e as pausas. (É o contexto que ajuda o leitor a perceber quando se trata de uma declaração, de uma exclamação ou de uma interrogação). Uso de maiúscula no interior da frase.

Escola Secundária de Lousada, abril de 2019

Graça Coelho